

O MIDAS ETERNO

“Depois de morto, roubaram-lhe a dentadura. Eis o nosso rei destronado, devolvido à sua solidão, fraco e pobre como o mais fraco e mais pobre dos seres.”¹

Miséria, hanseníase e abandono espreitam Serra Pelada quase trinta anos depois do início da ‘febre do ouro’. Restaram casebres abandonados, pessoas perambulando, quais mortos-vivos, numa cidade fantasma ao redor de um grande lago contaminado de mercúrio, o oco. Restaram velhos aposentados, mulheres e a prostituição infantil. O índice de HIV é altíssimo. O gigante ameaçador, percebido no clima tenso do local, está presente a todo o momento. O gigante quer terra, o gigante quer expulsão, o gigante tem papéis e advogados, o gigante tem anuência do poder constituído. O garimpeiro tem apenas uma amarfanhada carteirinha de autorização para exploração de minério, e muita tristeza da sua atual situação. O garimpeiro tem ao lado de si muitas cooperativas, nem todas bem intencionadas.

Muitos não deixam o local simplesmente por vergonha, não teriam condição de encarar seus familiares tantos anos depois, sem nada nas mãos. É regra geral ouvir que saíram sempre pior do que chegaram. Dos poucos que ainda exploram o minério, pouca ou nenhuma esperança. O olhar vago de um gaúcho à espera de um hipotético sócio – com dois meses de máquinas paradas –, e de um também hipotético veio riquíssimo debaixo de poucos metros de rocha maciça, diz tudo.

Noventa mil homens, como insetos de uma gigante colônia a céu aberto, tiveram a capacidade de revolver inteiramente uma montanha! A montanha foi a Maomé! A montanha curvou-se ao desejo e a cobiça: cobiça, mãe-rainha desta colônia iracunda, deusa filicida. Rabos de dinheiro, viagens de ‘teco-teco’² onde o passageiro era apenas um chapéu prosaicamente esquecido. Mulheres, cachaça e muita coragem. ‘Bamburrar’³ foi para poucos, manter a fortuna para pouquíssimos. Muita morte para que a montanha

¹ Comentário sobre a peça de Nelson Rodrigues disponível no site Olhar Literário. Disponível em: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Nelson_Rodrigues_O_Boca_de_Ouro_resumo.htm. Acesso em: 10 dez. 2010.

² Avião de pequeno porte, que possui apenas um motor, e muito usado para pequenos trajetos. Foi bastante utilizado em Serra Pelada: “A pista improvisada no cabo de enxada era apenas uma tênue nesga de terra rasgada no meio da mata, quase sempre escondida pela chuva, a neblina ou a poeira. Cercada por morros, era também a principal e única rua do garimpo, vivia coalhada de gente. Descer lá sem problemas era como acertar sozinho na loto.” (KOTSCHO, 1984: 44).

³ Bamburrar: ficar rico. Por extensão, bamburrado: aquele que encontra muito ouro, fica rico nos garimpos.

mantivesse suas vísceras à mostra. Reza a lenda dos garimpos que “montanha que não é banhada por sangue, ouro não brota”.

Muita expectativa, pouca esperança. É comum a todos que vão à Serra Pelada perceber que aquele é um momento especial, algo de positivo irá acontecer brevemente. Vã expectativa! Tudo retorna ao mesmo lugar: o lugar da espera, da desesperança. Como tatus cegos que fuçam incessantemente a terra, estes homens não abandonam o sonho do ouro. Aquela cava submersa é ainda o jardim de rosas onde Midas acolheu o velho sátiro Sileno⁴, mestre e pai de Ovídio.

A morte paira sobre tudo. Por que interessar-se por Serra Pelada e seus deserdados? Reter suas dentaduras, suas bocarras? Ira de Baco vingativo. Esta boca-ânus ancestral. Lembrança de fezes e chocolate. Devoradora criatura que se deixa abocanhar sem fim, mãe-rainha deste gofento formigueiro. Seremos nós os garimpeiros cegos a fuçar lama e cobiça? Onde estarão as rosas do jardim? Seremos nós o gigante ameaçador? Ou seremos todos o Midas eterno – orelhas de burro –, em miséria, lepra e abandono?⁵

⁴ Em *A origem da tragédia*, assim o filólogo e filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) descreve o encontro de Sileno o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dioniso, e o rei Midas: *"Reza a antiga lenda que o rei Midas perseguiu o sábio Sileno na floresta, durante longo tempo, sem conseguir apanhá-lo. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, calava-se; até que, torturado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: - Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer."* *A origem da tragédia proveniente do espírito da música*, Friedrich Nietzsche. Versão para e-book, E-book Brasil. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/tragedia.pdf>. p.48. (Acessado em 14/01/2018).

⁵ Texto publicado no catálogo da exposição *Amazônia - ciclos da Modernidade*, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro e de Brasília, sob a curadoria de Paulo Herkenhoff. São Paulo: Zureta, 2012; e na revista *Por uma cartografia crítica da Amazônia*. ABDORAL, C.; ALVES, R.; CECIM, V. F.; DPADUA, F.; LEANDRO, A.; GOUVEIA, L.; QUEIROZ, Armando; VIEIRA, G. Belém - Pará, p.27 - 27, 2012.